

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES – DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

Jander Luiz Rama

**ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA: uma proposta de abordagem
dos conceitos de hibridismo e mestiçagem.**

**Porto Alegre
2010**

Jander Luiz Rama

ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA: uma proposta de abordagem
dos conceitos de hibridismo e mestiçagem.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de
Licenciado em Artes Visuais pelo
Curso de Artes Visuais da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Andrea Hofstaetter

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Umbelina Maria Duarte Barreto

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Villanova Biazus

**Porto Alegre
2010**

Agradeço a Prof^a. Dr^a Andréa Hofstaetter pela importante orientação nesta monografia.

Agradeço aos demais professores e colegas que participaram ou contribuíram de alguma maneira para que este projeto fosse realizado.

Agradeço a Deus, à minha noiva Liliane, aos meus pais e à família pelo incentivo e força neste momento de conclusão de uma etapa.

***“A mente humana, uma vez ampliada por uma nova idéia, nunca
mais volta ao seu tamanho original.”***

Oliver Wendell Holmes

Resumo

Na atualidade, o ensino da Arte na escola passa por mudanças profundas, condizentes com as mudanças ocorridas na sociedade, na cultura e na Arte. Uma dessas mudanças tem sido a abordagem do ensino da Arte em consonância com as tendências artísticas da Arte Contemporânea, visando sua discussão e reflexão na Educação Básica. Este trabalho propõe uma discussão sobre metodologias do ensino de conteúdos ligados à Arte Contemporânea. Deste modo, serão abordados os conceitos de *hibridismo* e de *mestiçagem* como temas possíveis de serem trabalhados em sala de aula através da elaboração de uma proposta pedagógica. A revisão bibliográfica sobre o ensino da Arte será apoiada em textos de Fernando Hernández, Ana Mae Barbosa e Miriam Celeste Martins, enquanto que os textos de Anne Cauquelin, Catherine Millet, Peter Burke e Icleia Cattani serão os referenciais para questões ligadas à Arte Contemporânea, *hibridismo* e *mestiçagem*. Esta discussão é importante por levantar questões sobre possíveis abordagens para o ensino da Arte Contemporânea na escola.

Palavras-chave: *Arte Contemporânea, ensino da Arte, hibridismo, mestiçagem.*

Abstract

Currently, the teaching of Art in school is going through profound changes, consistent with changes in society, culture and Art. One such change has been the approach of teaching Art in line with the artistic trends of Contemporary Art, for their discussion and reflection in Basic Education. This paper proposes a discussion on methods of teaching content related to Contemporary Art. Thus, we discuss the concepts of *hybridity* and *miscegenation* as possible themes to be worked out in the classroom by developing a proposal with practical lessons. The literature review on the teaching of Art will be supported by texts by Fernando Hernández, Ana Mae Barbosa and Miriam Celeste Martins, while the texts Anne Cauquelin, Catherine Millet, Peter Burke and Icleia Cattani will be the reference for issues relating to Contemporary Art, *hybridity* and *miscegenation*. This discussion is important for raising questions about possible approaches to the teaching of Contemporary Art at school.

Keywords: *Contemporary Art, Art Education, hybridity, miscegenation.*

Lista de Imagens

Fig. 1 – Pablo Picasso: Copo e Garrafa de Suze, 1912.	16
Fig. 2 – Walmor Corrêa, Ondina, 2005.....	25
Fig. 3 – Walmor Corrêa, Spider Man, 2008.....	26
Fig. 4 – Walmor Corrêa, Lixo, 2010.....	27
Fig. 5 – Thomas Grunfeld, Misfit (Cow), 1997.....	28
Fig. 6 – Joan Fontcuberta, Fauna Secreta: Joan Fontcuberta and Pere Formiguera, 2000.....	28
Fig. 7 – Aula aplicada na 5ª série do Colégio de Aplicação da UFRGS.....	30
Fig. 8 – Trabalho realizado por aluno, 2010.....	30
Fig. 9 – Jander Rama, Implante para refrescar a mente, 2010.	38
Fig. 10 – Jander Rama, Implante telescópico, 2009.	38
Fig. 11 – Trabalho realizado por aluno, 2010.....	44
Fig. 12 – Trabalho realizado por aluno, 2010.....	44
Fig. 13 – Salvador Dalí, Telefone Lagosta, 1938.	45
Fig. 14 – Marcel Duchamp, Roda de bicicleta, 1913.	45
Fig. 15 – Frei André Thevet, Fera que vive de vento (Preguiça), data desconhecida.....	46
Fig. 16 – Anônimo (a partir dos relatos de Hans Staden sobre o tatú), data desconhecida.....	46

Sumário

1 Introdução.....	9
2 O Ensino da Arte Contemporânea na Escola	12
2.1 Algumas definições sobre Arte Contemporânea	12
2.2 Algumas concepções sobre o Ensino da Arte na atualidade.....	14
2.3 A relevância do Ensino da Arte Contemporânea.....	19
3 O Hibridismo e a Mestiçagem como Conteúdos nas Aulas de Arte ...	22
3.1 Definição de Hibridismo e Mestiçagem.....	22
3.2 Hibridismo e Mestiçagem na Arte Contemporânea	24
3.3 Trabalhando o Hibridismo e a Mestiçagem nas Aulas de Arte	29
4 Considerações Finais.....	35
Referências Bibliográficas	37
APÊNDICE A – Trabalho plástico pessoal	38
APÊNDICE B – Plano de Aulas Completo	39
APÊNDICE C – Alguns trabalhos de alunos.....	44
ANEXO A – Trabalhos de alguns artistas.....	45
ANEXO B – Gravuras dos Viajantes.....	46

1 Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar uma proposta de abordagem do ensino da Arte para alunos do Ensino Fundamental, trabalhando conceitos ligados à Arte Contemporânea em sala de aula. Este estudo se fez através: da revisão bibliográfica sobre o ensino da Arte e conceitos ligados à Arte Contemporânea; de reflexões e observações realizadas em sala de aula; da elaboração e aplicação de uma proposta prática de aula que aborda temas ligados à Arte Contemporânea, realizadas no Colégio de Aplicação da UFRGS (CAP); e da análise dos resultados obtidos em aula.

No contexto do estágio obrigatório realizado no CAP, constatou-se, através de observações pessoais, que alguns professores dão maior ênfase ao ensino da Arte envolvendo questões ligadas à Arte Moderna e Clássica. Deste modo, este trabalho propõe uma possibilidade alternativa em termos pedagógicos, através de uma reflexão sobre quais abordagens podem ser utilizadas para o ensino de elementos ligados à Arte Contemporânea. É proposta, mais especificamente, uma abordagem possível que abarque atividades com a finalidade de trazer a discussão de conteúdos da Arte Contemporânea para a sala de aula.

Estes professores observados, muitas vezes, realizavam atividades com os alunos a partir de paradigmas da Arte oriundos do início do século XX, presentes nas vanguardas modernistas, ou ainda com questões ligadas à representação da realidade. E estas escolhas foram e continuam sendo válidas, pois tratam de conteúdos importantes para o ensino da Arte.

Certamente há grande importância em abordar a produção artística modernista e estudar os diversos movimentos presentes na História da Arte. Mas também é importante que os alunos compreendam as mudanças que ocorreram no decorrer da história e como chegamos à Arte Contemporânea. Fernando Hernández¹ afirma que uma criança, em idade escolar, tem a capacidade de aprender sobre qualquer assunto,

¹ HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

até mesmo sobre as problemáticas envolvidas na Arte Contemporânea – desde que didaticamente acessíveis -. Quem impõe o limite é o professor e suas próprias escolhas.

Esta pesquisa se insere justamente nesta questão, como um contraponto a estas abordagens junto a uma turma de 5ª série do CAP. Deste modo, defende-se aqui a importância em desenvolver atividades de Arte em sala de aula que contemplem questões atuais, para que estes alunos do Ensino Fundamental estejam familiarizados com a produção da Arte Contemporânea, mesmo quando os assuntos tratados façam referência aos movimentos históricos da Arte. A constante relação dos movimentos artísticos históricos com exemplos presentes na Arte Contemporânea é uma proposta enriquecedora para as aulas de Arte.

Como proposta, este trabalho sugere uma abordagem que trabalhe com conceitos contemporâneos em sala de aula, como espinha dorsal do processo de aprendizagem em Arte. Baseando-se na atitude reflexiva e na cultura visual, como será visto posteriormente neste trabalho. Assim é possível desenvolver, junto aos alunos, diversos conceitos presentes na Arte Contemporânea. Os desdobramentos destes estudos em aula é que poderiam apresentar relações com a História da Arte.

E como tema de estudo mais específico, inclusive aplicado nas aulas do estágio obrigatório deste estudante-pesquisador de Licenciatura em Artes Visuais, são abordados os conceitos de *hibridismo* e de *mestiçagem* que são bem presentes no que é produzido hoje, tanto culturalmente como na Arte. A delimitação na escolha destes conceitos, dentre tantos outros possíveis de serem tratados, é útil para a melhor compreensão deste estudo.

Estes conceitos podem ser explorados de várias formas e mantêm ligações importantes com a História da Arte e da cultura. Focando nestes temas, é apresentado um plano de aula com recursos didáticos, sugerindo-o como uma possibilidade, ou abordagem, para a construção de conhecimentos em sala de aula, através das relações entre elementos presentes na Arte Contemporânea, movimentos históricos da Arte e da cultura.

Deste modo, no primeiro momento apresenta-se a pesquisa realizada através da análise e reflexão sobre Arte Contemporânea, através de textos de Anne Cauquelin e

Catherine Millet. E, na seqüência, a análise de abordagens do ensino da Arte na escola, balizada por autores como Fernando Hernández, Mirian Celeste Martins² e Ana Mae Barbosa³.

Em um segundo momento, apresenta-se os conceitos básicos que nortearam a elaboração da aula prática, tratando dos temas selecionados sobre *hibridismo* e *mestiçagem*⁴. Os autores Peter Burke e Icleia Cattani são os referenciais para estas questões ligadas ao *hibridismo* e a *mestiçagem*. E, ao final deste trabalho, serão analisados os resultados das aulas do estágio.

A reflexão sobre este assunto é pertinente devido à importância que o ensino da Arte tem junto à formação do cidadão consciente de sua cultura e dos códigos pertencentes à produção artística, não só moderna e clássica, mas também contemporânea.

² MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Teerezinha Telles. Didática do Ensino de Arte. São Paulo: FTD, 1998.

³ BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no Ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva. 2008.

⁴ CATTANI, Icleia Borsa (org.). *Mestiçagens na Arte Contemporânea*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

2 O Ensino da Arte Contemporânea na Escola

2.1 Algumas definições sobre Arte Contemporânea

Para uma melhor compreensão das questões desta pesquisa, é importante fundamentar o que se entende por Arte Contemporânea e a contextualização desta expressão. Para isso, tomam-se como referências as autoras Catherine Millet⁵ e Anne Cauquelin⁶ em suas respectivas publicações. Segue uma compilação de idéias destas duas autoras.

Segundo Millet, a arte contemporânea é aquela realizada por todos os artistas vivos e que são nossos contemporâneos. Porém, o termo *Arte Contemporânea* designa uma arte específica e que se distingue das demais artes ou das artes tradicionais. Detendo-se nesta conceituação, vemos ainda que a Arte Contemporânea é aquela que inova como expressão artística (é experimental) ou renova antigas linguagens ditas tradicionais, como a pintura ou escultura.

O termo “*Arte Contemporânea*” surgiu no início da década de 1980, porém a data precisa de seu nascimento, com a identificação de suas principais características, é difícil especificar. Devido a este fato, muitos museus têm dificuldade em separar suas coleções de Arte Moderna e Arte Contemporânea e, por vezes, preferem nem fazê-lo pela dificuldade de datação em relação ao início do momento histórico contemporâneo. No entanto, segundo Millet, pode-se afirmar que este nascimento ocorreu na década de 1960, coincidindo com o rápido surgimento de categorias artísticas totalmente novas à época como a Op Art, Arte Cinética, Minimal Art, Arte Povera, Body Art, Land Art, entre outros. Esta explosão de novas modalidades artísticas teria ocorrido neste período pela grande abertura social ocorrida – como a Contracultura -, que possibilitou a inovação e a afirmação mais contundente de posturas já iniciadas nas vanguardas modernas. É nesta euforia e liberdade que se estabeleceu o palco para o nascimento da Arte Contemporânea nos moldes que conhecemos hoje. No entendimento da autora, estas

⁵ MILLET, Catherine. *A Arte Contemporânea*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

⁶ CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

novas modalidades artísticas seriam o desdobramento ou aprofundamento das concepções artísticas presentes nas vanguardas do início do século XX.

Segundo Millet, o que ocorreu com a Arte após estes eventos, principalmente com: o surgimento da Pop Art; a utilização de instrumentos gráficos e procedimentos extraídos dos fazeres cotidianos na Arte; a percepção de que o artista era um homem comum, e seu ofício como o de qualquer outro profissional, foi uma verdadeira dessacralização da Arte, contribuindo para o entendimento do que se entende hoje por Arte Contemporânea.

Para Cauquelin, no início dos anos 1980, devido à estabilização do mercado de Arte, surgiram questões relativas a segmentos das vanguardas modernistas que, até então, não haviam sido privilegiados pelo público e pelos próprios artistas, como é o caso da pintura. Neste período surge o termo “*neo*” para definir o casamento do tradicional com o contemporâneo como é o caso dos *neo-expressionistas* ou as *transvanguardas italianas*. O resultado deste período foi o surgimento de um pensamento de adição em relação às tendências. A partir daquele momento, o surgimento de uma tendência artística não mais superaria a anterior, como ocorria anteriormente, mas passaria a conviver simultaneamente.

Este período também presenciou uma multiplicação no número de artistas, resultado do alargamento dos limites da Arte. As obras únicas e individualizadas, a grande gama de materiais utilizados pelos artistas e a própria quantidade, jamais vista, de artistas, gerou uma configuração totalmente nova para o mercado e para o circuito de Arte.

De acordo com estas definições, hoje, podemos compreender a Arte Contemporânea como um fenômeno que não se restringe mais aos grandes centros culturais como Paris e Nova Iorque. É um fenômeno global onde um apreciador de Arte pode rodar o mundo e participar de bienais que ocorrem na Coreia, Alemanha, Brasil, Glasgow, Liverpool ou Varsóvia. O universo da Arte está organizado em redes e distribuído por todo o mundo.

As vanguardas modernistas, em sua época, se colocaram em posição de ruptura com a arte considerada tradicional e conservadora. Mas esta ruptura não foi total. Os artistas posteriores às vanguardas conseguiram concluir este projeto idealizado por

seus predecessores e trouxeram pesquisas sobre materiais e experimentações, que nunca haviam sido abordadas na modernidade (MILLET, 1997). Neste processo, o que vemos hoje é o resultado de uma arte que representa o seu tempo e que está inserida no cotidiano, mesclada à realidade, de tal maneira que, muitas vezes, é difícil identificá-la. Para esta dificuldade, nunca foi tão importante e nunca foi tão necessário o suporte do discurso oferecido por historiadores e críticos de Arte. A Arte necessita de um discurso que a legitime.

Segundo estas observações, o que intitulamos de Arte Contemporânea, na verdade, foi uma maneira confortável de classificar uma realidade rica e diversa, muito diversa, com inúmeros estilos, tanto quanto o número de artistas. Estilos que, muitas vezes, são até contraditórios. Em suma, o conceito “*Arte Contemporânea*” é a maneira que foi encontrada pra “prender” aquilo que segue livre mundo afora e em constante processo, sendo praticamente impossível ignorar a Arte Contemporânea em nossas vivências no cotidiano, assim como toda a carga imagética a qual somos expostos diariamente (MILLET, 1997).

2.2 Algumas concepções sobre o Ensino da Arte na atualidade

Na atualidade, o ensino da Arte na escola passa por mudanças profundas, condizentes com as próprias mudanças ocorridas na sociedade, na cultura e na Arte⁷. Mas, apesar dos avanços, ainda há muito que fazer. Por exemplo, podemos citar a questão da contextualização das aulas de Arte. Para Analice Dutra Pillar⁸, a leitura de uma obra de arte significa atribuir sentidos e não deve haver uma simplificação a ponto de reduzir a obra a um significado fechado ou descontextualizado. Nesse sentido, a contextualização de atividades artísticas deve ser muito mais desenvolvida em sala de aula.

Vivemos num tempo onde se apresentam novos paradigmas que se entrelaçam com a própria condição do ser humano. Isto também ocorre na Arte, como afirma

⁷ HARVEY, David. *A Condição Pós-moderna*. In: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1989. p. 45 – 67.

⁸ PILLAR, Analice Dutra. *A Educação do Olhar no Ensino das Artes*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

Michael Parsons⁹ acerca das mudanças ocorridas no campo da produção artística:

“[...] uma mudança do sentido do movimento progressivo na Arte, e a importância do estilo e da originalidade, para um interesse na história, de apropriação e citação; o aumento da arte comprometida com várias causas sociais e culturais; o uso de novos meios e um interesse relativamente grande tanto no conteúdo quanto no meio; a passagem da crença na objetividade embutida na obra de arte; as mudanças incluem também uma crescente conscientização da importância das atividades interpretativas do espectador e das possibilidades de interpretações alternativas do mesmo trabalho. (informação verbal)¹⁰”

Estas são algumas características que marcam o cenário que engloba a Arte Contemporânea. O pluralismo de opções e possibilidades nas produções em Arte Contemporânea traz novas questões que devem ser abordadas na escola. No contexto das aulas de Arte, essas mudanças exigem novas abordagens metodológicas. Parsons afirma:

“[...] Nossa tradição de pesquisa tem sido mais influenciada pelo modernismo do que pela Arte Contemporânea. Tem focalizado dois tipos de habilidades, ambas moldadas pelas suposições modernistas e agora necessitando revisão. [...] Um tipo é a habilidade requerida para fazer arte pelos meios tradicionais [...] A segunda maior área de pesquisa tem sido a sensibilidade das crianças às qualidades estéticas [...] (informação verbal)¹¹”

A manualidade dos meios tradicionais, de fato, é válida e rica em possibilidades para o aprendizado. Porém, abordar apenas a exploração da manualidade dos meios, é limitar e reduzir a Arte a uma *práxis* de cunho modernista. A exploração plástica é apenas um tópico dentre muitos da Arte. Na Arte Contemporânea, o conteúdo, por vezes, é muito mais importante do que o meio pelo qual se concretiza. Isso ocorre devido aos muitos recursos disponíveis para a produção de uma obra de arte e à pesquisa teórico-prática presente na Arte Contemporânea.

⁹ Michael Parsons é professor do Departamento de Educação em Arte no The Ohio State University. His interests are in the philosophy of art and art education, the development of children's understanding, integrated curriculum and new modes of assessment, and the effects of postmodern thought on the psychology of art. Seus interesses estão na filosofia da arte e educação, o desenvolvimento da compreensão infantil, o currículo integrado e novos modos de avaliação, e os efeitos do pensamento pós-moderno sobre a psicologia da arte.

¹⁰ Palestra de Michael Parsons ministrada em 1999 na Universidade Estadual de Ohio, EUA, intitulada *Mudando direções na arte-educação contemporânea*. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text_5.htm. Acessado em: abril de 2010.

¹¹ *Idem*.

Nas concepções modernistas para o ensino da Arte, os alunos deveriam desenvolver capacidades de identificação de estilos no momento de apreciar uma obra de arte. Seria aceitável quando um determinado aluno pudesse identificar que uma certa obra, por exemplo, *Copo e Garrafa de Suze* (fig.1) de Picasso, pertencesse a um estilo cubista sintético. A análise formal é a tônica neste tipo de ensino.



Fig. 1 – Pablo Picasso: Copo e Garrafa de Suze, 1912, papéis colados, guache e carvão sobre papel, 65cm x 81cm, Washington University Gallery. Fonte: COTTINGTON, David. Cubismo. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

Na contemporaneidade, esta capacidade de identificação é válida, porém é insuficiente para se chegar à compreensão de muitas obras contemporâneas. A interpretação das obras, seu contexto e significado, são tão importantes quanto seus aspectos formais. De acordo com o exemplo, entender o porquê das pesquisas cubistas e seus resultados formais é tão importante quanto a identificação do estilo cubista. Seguindo este tipo de abordagem interpretativa, é possível analisar com mais profundidade as questões presentes nas obras contemporâneas. A compreensão dos conceitos envolvidos na Arte passa a ser significativo na aprendizagem.

Como alternativa, atualmente, existem propostas para o ensino da Arte que se colocam como possíveis soluções para a aproximação das classes escolares com os conteúdos da Arte, em especial, da Arte Contemporânea. Diferentes concepções do

ensino da Arte que convivem hoje podem ser melhor compreendidas através do processo histórico que as gerou.

Neste contexto, primeiramente podemos analisar a Proposta Triangular, que é apresentada por Ana Mae Barbosa¹² como sendo um processo de ensino da Arte, que envolve a leitura de imagens, a contextualização e o fazer artístico. Segundo a autora, o ensino da Arte não visa formar artistas, assim como a matemática não visa formar matemáticos, mas pretende formar fruidores que tenham acesso aos códigos da Arte. Apesar dos avanços, estes códigos ainda estão restritos ao conhecimento de apenas uma parcela da população.

Em seu livro *A Imagem no Ensino da Arte*, Ana Mae Barbosa discorre sobre as correntes de ensino que deram origem à Proposta Triangular. Estas correntes surgiram nos EUA, começando a ser discutidas na década de 1950. Neste período, duas correntes do ensino da Arte surgiram. A primeira defendeu uma linha “intuitiva” do fazer artístico da Arte, enquanto que a segunda assumiu a linha mais racionalizada, que defendia, como base para a criação artística, um ensino da Arte mais elaborado com conteúdos e sistemas lógicos de ensino.

Estas duas correntes e seus desdobramentos, através de muitas discussões e debates naquele país, deram origem ao DBAE (Disciplined-Based-Art Education) que tinha como novidade a simultaneidade do ensino de leitura de obras de arte, da reflexão estética, da História da Arte e do fazer artístico. Estes princípios da DBAE, gerados pela Getty Foundation (fundação norte-americana responsável pelo projeto), foram trazidos para o Brasil por Barbosa na década de 1980, que uniu a crítica e a estética no princípio de leitura de imagens, compondo assim a Proposta Triangular.

Segundo Barbosa, somente o fazer artístico não dá conta do conhecimento em Arte. É necessária, também, a reflexão crítica sobre a atividade. A autora cita o exemplo do *boom* americano na aquisição de objetos de arte nos anos 1980, em que o grande público adquiria obras de arte sem critérios muito sólidos. Para Barbosa, isso ocorreu pelo fato de que o ensino da Arte levado àquela geração foi fundamentado apenas em

¹² BARBOSA, Ana Mae Barbosa. *Arte/ educação Contemporânea – Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

aulas de ateliê, sem uma reflexão mais contundente da atividade prática, do contexto e da História da Arte.

Deste modo, percebe-se que a proposta Triangular é uma boa referência por valorizar a reflexão atrelada ao conhecimento artístico. Para isso, ao se abordar os conteúdos da Arte em sala de aula, segundo esta proposta mais reflexiva, exige-se novos conhecimentos sobre a produção artística e a constante revisão de conceitos pré-estabelecidos, visto que a Arte é dinâmica.

Analisando questões do ensino da Arte Contemporânea segundo esta proposta, é desejável que os professores tenham em mente as inúmeras significações possíveis de uma obra, muito além da leitura plástica. Deve haver uma fuga do lugar comum e a procura por relações entre diferentes obras contemporâneas, ou com obras de outros povos e de outros períodos históricos, levando em consideração sua contextualização. Assim, a atualização dos professores de Arte deve ser constante e diversificada, tanto para o ensino da Arte em seu contexto histórico como da Arte Contemporânea.

Quanto à relevância do ensino da Arte na escola, Hernández afirma:

“Partindo de uma perspectiva psicológica, ou psicopedagógica, a aprendizagem no campo do conhecimento artístico exige um pensamento de ordem superior e a utilização de estratégias intelectuais como a análise, a inferência, o planejamento e a resolução de problemas ou formas de compreensão e interpretação, etc.” (HERNÁNDEZ, 2000, pág.42)

Esta perspectiva da importância do campo de conhecimento artístico leva-nos a refletir na qualidade que deve haver na maneira como são conduzidas as aulas de Arte na escola. Uma proposta de aula que não possui um planejamento condizente com as questões da atualidade, significa um ensino que não desperta criticamente o aluno para a realidade do campo artístico e, conseqüentemente, para sua própria situação diante do mundo.

“[...] quando um estudante realiza uma atividade vinculada ao conhecimento artístico[...] muitos esquecem: que não só amplia a habilidade manual, desenvolve um dos sentidos (a audição, a visão, o tato) ou expande sua mente, mas também, e sobretudo, delineia e fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar, etc, o que lhe cerca e também a si mesmo.” (HERNÁNDEZ, 2000, pág.42)

Hernández, um dos autores que introduziu a concepção de conhecimento artístico atrelado ao ensino e preparação de alunos para interpretar a cultura visual, contribui para este processo de discussão de abordagens de ensino da Arte. Neste âmbito, para o autor de *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*, o espaço destinado ao ensino da Arte na escola englobaria a compreensão da cultura visual na qual os alunos se inserem. Abrangendo, assim, não só o conhecimento artístico, historicamente acumulado, mas também as imagens presentes no cotidiano visual como as imagens oriundas da televisão, da internet, da mídia em geral, das placas de sinalização, dos percursos da cidade e etc. Esta concepção, desenvolvida no final dos anos 1980, tem sido uma referência muito importante que agrega valor à interpretação no contexto do ensino da Arte.

Assim, tanto a Proposta Triangular (BARBOSA, 1991) como a inserção da cultura visual no ensino da Arte (HERNANDEZ, 2000) trazem contribuições significativas para a construção do conhecimento em Arte na sala de aula. E servem como base metodológica para a construção da proposta de abordagem aqui apresentada.

2.3 A relevância do Ensino da Arte Contemporânea

Tratando-se destas questões envolvendo modelos de ensino e aprendizagem, pergunta-se como é, hoje, a prática do ensino da Arte na escola. A Arte Contemporânea está presente em bienais, salões e múltiplos espaços de exposição de Arte nas principais cidades. Ou seja, há formas de acesso gratuito à cultura, tanto para professores como para os alunos. Será que estas condições favoráveis de acesso proporcionam uma aproximação da produção em Arte Contemporânea com a escola?

Alguns professores, atualmente, trabalham em aula com a produção expressionista, cubista, surrealista e com outros movimentos das vanguardas modernistas, em um conhecimento estanque em relação a outros momentos históricos e conhecimentos da Arte¹³. Deste modo, tem-se a impressão de que alguns

¹³ Palestra de Michael Parsons ministrada em 1999 na Universidade Estadual de Ohio, EUA, intitulada *Mudando direções na arte-educação contemporânea*. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text_5.htm. Acessado em: abril de 2010.

paradigmas, como por exemplo a *pureza da linguagem*, conforme Greenberg¹⁴, ainda são amplamente observados pelos artistas na atualidade. O resultado é que muitos alunos saem do Ensino Básico tendo pouca familiaridade com a produção da Arte Contemporânea.

Estes estudos de cunho modernista podem ser apenas uma escolha dos professores, e isso é válido. Porém, o trabalho exclusivo com este foco voltado nas vanguardas pode correr o risco de apresentar pouca relação com a realidade dos alunos.

Ao trabalhar com alunos em aulas de Arte, deve-se partir de questões próprias de nosso tempo, presentes na arte atual. Os desdobramentos destes estudos em aula é que deveriam apresentar relações com a História da Arte. Supõe-se que, deste modo, as aulas devam ficar mais contextualizadas em relação à realidade dos alunos. Obras de artistas contemporâneos trazem assuntos do seu tempo, questões presentes na sociedade, a mesma sociedade em que os alunos estão inseridos.

Com relação às imagens do cotidiano, incluindo as imagens da Arte Contemporânea que se difundem através da mídia, Hernández aponta a importância da relação do que os alunos vêem no cotidiano com o conhecimento artístico. Hernández defende a importância das imagens da cultura para a compreensão da Arte. A importância dos Estudos da Cultura Visual (ECV) está no fato de que estamos imersos em uma sociedade de imagens. Na verdade o ECV é um pressuposto dentro do campo do ensino da Arte para uma “alfabetização crítica de imagens”.

O autor não defende o ECV como a constituição de uma disciplina específica, mas agregada ao ensino da Arte, que por sua vez faz parte deste vasto campo de imagens da sociedade.

Certamente podem ser apontados posicionamentos críticos quanto ao ECV. Seria este um substituto da disciplina de Artes Visuais? Hernández afirma negativamente, ressaltando que não se trata nem de um direcionamento quanto a que tipos de imagens podem ser tratadas em sala de aula, como por exemplo, as imagens

¹⁴ FERREIRA, Glória e Cotrim, Cecília (org.). Pintura modernista, in *Clement Greenberg e o debate crítico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 101-110.

da cultura popular e muito menos uma exclusividade das imagens produzidas pela mídia.

Deste modo, a construção do conhecimento em Arte pode ser muito mais rica quando os alunos são instigados a refletir e observar as peculiaridades e os conceitos presentes na Arte, procurando e mantendo relações entre os objetos de arte presentes na contemporaneidade, na modernidade, ou presentes em imagens de outras fontes, como na cultura.

Este posicionamento, de busca de relações entre imagens de diversas origens, poderia garantir uma postura mais crítica dos alunos frente às imagens do cotidiano, da cultura e da Arte, e poderia levá-los a refletir melhor sobre suas próprias realidades.

Por motivo de proximidade com o universo dos alunos, é contemplada neste trabalho a possibilidade do uso de imagens da cultura e da Arte Contemporânea como elemento deflagrador para a compreensão dos inúmeros conceitos presentes na Arte Contemporânea e de outros momentos presentes na História da Arte. Neste caso específico, para a compreensão do *hibridismo* e da *mestiçagem* em Arte Contemporânea.

3 O Hibridismo e a Mestiçagem como Conteúdos nas Aulas de Arte

Este capítulo trata da definição dos termos *hibridismo* e *mestiçagem*, e suas contextualizações histórica e contemporânea na Arte. Também é apresentado um plano de aula que aborda estes conceitos como conteúdos trabalhados em sala de aula. Logo após, com a aplicação desta aula no estágio realizado no Colégio de Aplicação da UFRGS, na turma Amora 1B (5ª série), são analisados os resultados desta experiência.

A escolha destes conceitos específicos, o *hibridismo* e a *mestiçagem*, deu-se pela relação intrínseca que os mesmos possuem com a produção artística deste estudante-pesquisador (ver APÊNDICE A). Esta produção, e sua conseqüente reflexão realizada ao longo do curso de Bacharelado em Artes Visuais, concluído em 2009, proporcionou ligações do tema com diversos outros. Como exemplo, é possível encontrar relações do *hibridismo* e da *mestiçagem* com elementos presentes nas produções artísticas do Renascimento, dos artistas viajantes no Brasil, do Dadaísmo e do Surrealismo, sempre estabelecendo relações com a contemporaneidade. Deste modo, esta bagagem foi importante no momento da elaboração de uma aula prática que é aqui apresentada.

3.1 Definição de Hibridismo e Mestiçagem

Para melhor compreender o problema proposto em sala de aula, será abordado o conceito de *hibridismo* desenvolvendo-o em relação a outro conceito correlato: a *mestiçagem*¹⁵.

No texto de Icléia Cattani, *Conceito e Desdobramentos*, presente em seu livro *Mestiçagens na Arte Contemporânea*, é abordado o conceito denominado *mestiçagem* e sua relação e vínculo com a questão da impureza. Este conceito, oriundo do campo antropológico, definia, inicialmente, a mestiçagem como miscigenação das ditas raças branca, negra e indígena, no sentido de mistura ou contaminação. No campo artístico, a mestiçagem seria a mistura ou contaminação de dois ou mais elementos.

¹⁵ CATTANI, Icléia Borsa (org.). *Mestiçagens na Arte Contemporânea*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

Tendo em mãos o conceito antropológico de mestiçagem podemos analisar o que ocorria na modernidade e nas vanguardas, principalmente em relação aos paradigmas que questionavam os meios tradicionais de expressão ou a pureza dos mesmos. Historicamente, no século XX, houve um determinado momento em que os meios tradicionais da Arte, como a pintura, escultura e desenho, foram sucessivamente questionados quanto a sua pureza, ao mesmo tempo em que surgiam os *happenings*, as performances e instalações como manifestações artísticas. A representação tradicional era questionada freqüentemente e as questões ilusionísticas eram contestadas, dando origem, por exemplo, à planaridade na pintura.

Já na pós-modernidade, houve o surgimento do cruzamento de diversas formas de expressão como conseqüência da quebra dos paradigmas modernos, principalmente o paradigma da pureza da obra. O cruzamento ou mestiçagem se deu entre novos meios (*happenings*, performances, instalações) e as velhas práticas como a pintura, o desenho e a escultura, por exemplo. (CATTANI, 2007)

Os cruzamentos geraram hibridações e mestiçagens, evidenciando a questão da impureza, contida no termo antropológico de mestiçagens. Segundo Cattani, no conceito aplicado às artes, mestiçagem difere de hibridação, pois os elementos constituintes do primeiro são percebidos, mantendo suas especificidades apesar da fusão.

Na mestiçagem encontrada na Arte Contemporânea há a coexistência entre o velho e o novo, as novas tecnologias e as velhas práticas, somando-se umas às outras sem manter um eixo ou uma linha que delimite os elementos entre si. Constitui-se em um esquema de possibilidades abertas em partes que se combinam e recombinaem sem restrições. Há obras em que ocorre o cruzamento entre linguagens tradicionais e novas tecnologias, bem como há obras que se utilizam de apenas uma linguagem, aplicada de maneira nova sobre outros meios. Assim, há a possibilidade de inúmeros sentidos e significações que se alteram tanto quanto há possibilidades de combinações entre os elementos.

Outra característica intrínseca às mestiçagens é a questão das tensões existentes na obra, mais especificamente entre os elementos da mesma que provocam

a mutabilidade, a imprecisão e a incerteza permanentes na obra, mesmo depois de pronta.

Já o termo *hibridismo* tem aplicação em diversos campos do conhecimento humano. O autor Peter Burke disserta sobre algumas dessas inserções no campo da cultura, da música, das artes visuais, da linguagem e etc. O hibridismo, segundo o autor sempre ocorreu, mas ganha maior destaque no ambiente que se desenvolve sob o guarda-chuva da globalização.

No contexto da cultura, o *hibridismo* se dá no encontro de duas culturas diferentes como o que ocorreu na América, entre as culturas européia e pré-colombiana. O *hibridismo* ocorre também quando há o encontro de diferentes estilos musicais, arquitetônicos e literários, de culturas distintas ou dentro da mesma cultura.

No campo das artes, o *hibridismo* ocorre em diversos níveis, desde o cruzamento de estilos até o cruzamento de materiais. Segundo Cattani¹⁶, o híbrido na Arte apresenta a característica de fusão, onde os elementos constituintes da obra se perdem para dar origem a um terceiro elemento. Estes elementos seriam ainda de gêneros diferentes como natureza-cultura, política-ciência, peixe-gato, lobisomem e etc.

Peter Burke também faz aproximações do termo *hibridismo* com o termo *fusão*, inspirada pela física nuclear e que ressurgiu nos campos da culinária e da música. *Hibridismo* e *hibridização*, também se aproximam do termo *mestiçagem* (do francês *métissage*), na sua origem comum no campo da botânica. Inicialmente adquire sentido pejorativo, no sentido de “vira latas”, quando tratava-se do cruzamento de duas ou mais raças.

Deste modo, as hibridações e mestiçagens se apresentam em inúmeros casos dentro de uma grande rede de possibilidades que, com o passar do tempo, parecem cada vez mais distantes de limites pré-determinados ou centralizações.

3.2 Hibridismo e Mestiçagem na Arte Contemporânea

Primeiramente, ressalta-se que qualquer observação referente a uma possível classificação de obras artísticas dividido-as entre híbridos e mestiços é um exercício

¹⁶ CATTANI, Icleia Borsa (org.). Mestiçagens na Arte Contemporânea. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

meramente didático. Uma possível classificação é muito útil no momento do trabalho pedagógico em sala de aula, quando são apresentados e trabalhados os conceitos de forma lúdica. Obviamente seria quase impossível estabelecer uma divisão clara entre híbridos e mestiços, realizando uma classificação de obras artísticas, justamente pela proximidade e complexidade destes conceitos.

Deste modo, seguindo as definições sobre *hibridismo* e *mestiçagem* apresentadas anteriormente, podemos enumerar algumas obras de artistas contemporâneos que apresentam em suas temáticas questões referentes a estes termos. A enumeração dessas obras é importante, pois permitirá uma melhor compreensão da seleção de imagens necessária para a construção de métodos educativos que abordem questões contemporâneas.

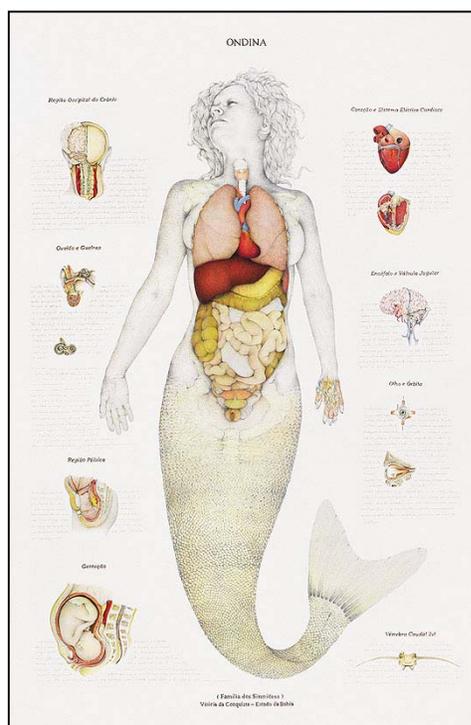


Fig. 2 – Walmor Corrêa, Ondina, 2005 - acrílica e grafite sobre tela, 195x130cm. Disponível em: <http://www.walmorcorrea.com.br>. Acesso em novembro de 2010.

Um artista que pode ser analisado segundo sua proposta poética ligada ao hibridismo e à mestiçagem, é Walmor Corrêa¹⁷. Analisando o conjunto de sua obra

¹⁷ Walmor Corrêa é um artista catarinense radicado no Rio Grande do Sul. Seus trabalhos pertencem ao universo da pintura e da instalação, utilizando ainda a taxidermia como técnica artística. Em boa parte de

abordaremos as pinturas anatômicas de animais mitológicos (fig.2 e fig.3) e os pequenos e fantásticos animais empalhados (fig.4).

As pinturas de anatomia apresentadas por Walmor Corrêa trazem, num primeiro momento a sensação de que estamos diante de pinturas naturalistas realizadas para aulas de biologia, de caráter didático. Porém, para um olhar mais atento percebe-se que estas pinturas detalhistas revelam a existência de seres irrealis.

Analisando a figuração presente nestas obras, encontramos seres híbridos. São híbridos de mamíferos e insetos, pássaros e peixes, mamíferos e aves, mamíferos e peixes, produzidos pelo artista com tal esmero que são capazes de dar uma aura científica a seres fantásticos e mitológicos. É a dissecação da fantasia.

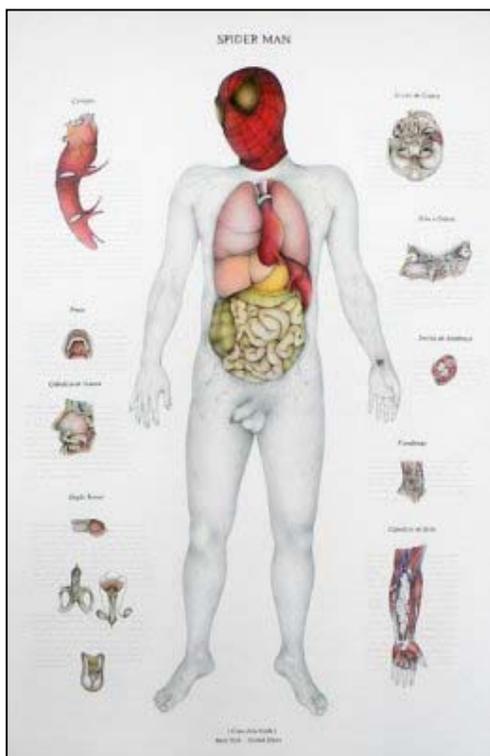


Fig. 3 – Walmor Corrêa, Spider Man, 2008 - acrílica e grafite sobre tela, 130x195cm. Disponível em: <http://www.walmorcorrea.com.br>. Acesso em novembro de 2010.

usa produção, Corrêa utiliza as técnicas da pintura clássica, com base no desenho, no desenvolvimento de estudos (esboços) e, posteriormente, a pintura, fazendo-se valer de uma tradição do tipo acadêmica.

O mesmo ocorre na série de animais empalhados produzidos pelo artista. São pequenos animais hibridizados, unindo roedores e pássaros. Assim como os trabalhos de pintura, apresentam-se como indícios de uma pseudo-realidade.

Nestas duas linhas de trabalho encontramos o conceito de híbrido, presente na figuração apresentada nas pinturas e na união dos restos mortais de pequenos animais através da taxidermia¹⁸. E, através de outros elementos, podemos identificar o conceito de mestiçagem, principalmente na associação de técnicas da pintura utilizadas pelo artista – pintura acrílica e grafite – e a linguagem do desenho e aquarela naturalistas, tão presente no passado histórico com a presença dos artistas viajantes.

Outros dois artistas referenciais na questão do híbrido e da mestiçagem são Thomas Grunfeld¹⁹ e Joan Fontcuberta²⁰. Ambos artistas também trabalham com a taxidermia, apropriando-se da técnica e levando a mesma para o campo artístico.



Fig. 4 – Walmor Corrêa, Lixo, 2010 - ferro e animais taxidermizados (foto: Letícia Remião). Disponível em: <http://www.walmorcorrea.com.br>. Acesso em novembro de 2010.

¹⁸ Antigo processo de encher de palha animal morto a fim de conservar-lhe as características.

¹⁹ Thomas Grunfeld - Artista nascido em 1954, Stuttgart, Alemanha. É escultor e professor de escultura em Kunstakademie Düsseldorf desde 2004. Vive e trabalha em Colônia na Alemanha.

²⁰ Joan Fontcuberta (Barcelona, 1955) tem sido um artista ativo no mundo da fotografia de diversas maneiras, como criador, professor, crítico e organizador de exposições. Sua obra é extensa. Ele foi professor em vários centros e universidades da Europa e os EUA, colaborador de publicações especializadas em Arte (Nueva Lente, Abertura, Afterimage, European Photography, Lápis, etc) Em 1980, ele co-fundou a revista bilíngüe (Espanhol-Ingês) Photovision, e continua como editor-chefe.



Fig. 5 – Thomas Grunfeld, Misfit (Cow) – taxidermia, 152 x 190 x 90 cm, 1997, Sotheby's New York: Thursday, May 11, 2006. Disponível em: <http://www.artnet.com/artist/663243/thomas-grunfeld.html>. Acesso em novembro de 2010.



Fig. 6 – Joan Fontcuberta, Fauna Secreta: Joan Fontcuberta and Pere Formiguera, taxidermia, 2000. Presentation House Gallery, North Vancouver, BC, CA. Disponível em: <http://www.artnet.com/artist/6336/joan-fontcuberta.html>. Acesso em novembro de 2010.

Thomas Grunfeld trabalha com a associação de partes de animais de modo a gerar a tensão e estranhamento na união, por exemplo, da cabeça de um cachorro com o corpo de um bezerro, ou a cabeça de uma girafa no corpo de um avestruz. Ao mesmo

tempo que esmera-se em criar uma harmonia completa entre as formas, reforçando a idéia de possibilidade para tais criações (fig.5).

No caso de Joan Fontcuberta, os híbridos são apresentados de modo semelhante a Walmor Corrêa. A taxidermia, as fotos e relatos escritos apresentam-se como vestígios de uma realidade fantástica, quase como uma comprovação documental do animal apresentado. Assim, animais oriundos do cruzamento de um babuíno com uma cabra (fig.6), por exemplo, são apresentados como uma realidade científica e amplamente pesquisada. Novamente surgem as questões híbridas e mestiças nestes trabalhos.

Este é um pequeno apanhado de artistas contemporâneos que apresentam relações visíveis com o hibridismo e a mestiçagem. E há muitos outros, não só presentes na Arte Contemporânea, mas também presentes nas vanguardas modernas e em outros momentos da História da Arte. Como exemplo temos a *Roda de Bicicleta* de Duchamp ou ainda o *Telefone-lagosta I e II* de Dalí, que trouxeram outras questões em relação ao hibridismo e a mestiçagem (ver ANEXO A).

3.3 Trabalhando o Hibridismo e a Mestiçagem nas Aulas de Arte

No contexto da preparação de um plano de aula, os conceitos de hibridismo e mestiçagem apresentam uma ligação interessante entre imagens de diversas origens culturais e históricas, além de estarem muito presentes na Arte Contemporânea.

O híbrido e o mestiço, além dos exemplos contemporâneos na Arte, podem ser encontrados em personagens de histórias em quadrinhos, animações, filmes de ficção científica, na propaganda, na mitologia ocidental e oriental, nas construções visuais de diversos movimentos artísticos, de diversas épocas e de diversos grupos humanos, além de estarem presentes em produções da Arte Contemporânea nacional e internacional.

Deste modo, pretende-se introduzir estes conceitos não de forma teórica, mas de forma lúdica através das práticas de sala de aula, estimulando a ampliação do conhecimento dos alunos sobre estes temas, tão presentes na Arte Contemporânea.

Em termos pedagógicos no campo da Arte, a abordagem do tema relacionado ao hibridismo e à mestiçagem tem o objetivo de estimular os alunos à percepção da Arte

como forma de expressão do imaginário, da interpretação da realidade (indícios) e de reflexão sobre a construção de imagens. Além disso, este tema possibilita a aplicação de diversas abordagens ligadas à construção de imagens a partir de: relatos de viajantes; contos de ficção; jogo de imagens e relatos descritivos.

Em termos de construção do conhecimento por parte dos alunos, as questões mais importantes são a reflexão sobre o hibridismo e a mestiçagem como possibilidade imaginária, através da apresentação de imagens das obras de artistas ligados com a questão do hibridismo e da mestiçagem em suas produções.



Fig. 7 – Aula aplicada na 5ª série do Colégio de Aplicação da UFRGS (Foto: Jander Rama).



Fig. 8 – Trabalho realizado por aluno, recorte e colagem com figuras de animais e revistas, 2010 (Foto: Jander Rama).

Esta preocupação em levar os temas relacionados ao híbrido e ao mestiço em Arte, permearam a elaboração de diversas aulas práticas aplicadas no estágio deste estudante-pesquisador no Colégio de Aplicação da UFRGS (ver fig.7 e fig.8). Ao todo foram elaboradas dez aulas que mantêm uma seqüência de desenvolvimento abordando os conceitos citados. Nestas aulas, o híbrido e o mestiço foram trabalhados através de atividades que envolviam a construção de imagens a partir de jogos didáticos diversos.

Para exemplificar a forma como este trabalho sugere a elaboração de aulas, através de uma abordagem que parta diretamente de conceitos presentes na contemporaneidade da Arte, foi escolhida uma dessas aulas pertencentes ao conjunto total das aulas, onde o foco central foi o conceito de hibridismo. Segue uma breve descrição desta aula através do plano de aula e de sua aplicação na turma Amora 1B do CAP.

Plano de Aula aplicado em 15 de outubro de 2010:	
Apresentação de imagens de obras de artistas (reproduções de gravuras) realizados a partir de relatos de viajantes que passaram pelo Brasil (Hans Staden e Frei André Thevet) e de obras do artista Walmor Corrêa;	
1ª atividade:	Jogo do telefone sem fio onde a mensagem é a descrição de um animal híbrido (comparar com a experiência dos relatos de animais dos viajantes que estiveram no Brasil – transmissão de relatos);
	Descrição retirada de escritos de Frei André Thevet sobre o bicho preguiça (lido para a turma em voz alta):
	“apresenta uma barriga tão grande que chega quase a se arrastar no chão, a cabeça lembra a de uma criança, (...). Seu pêlo é cinzento e felpudo como o de um ursinho. Patas compridas com quatro dedos, três com grandes unhas (...), com as quais trepa na árvore, onde fica mais tempo que na terra. Ninguém jamais o viu se alimentando. Vive de vento” (THEVET, 1558)

2ª atividade:	<p>Logo após, a partir da leitura do relato descritivo sobre uma criatura fantástica (híbrida), os alunos devem produzir desenhos (a exemplo dos relatos dos viajantes, o professor criará um relato sobre uma criatura fantástica - híbrido);</p> <p>Descrição criada pelo professor e lida para a turma em voz alta:</p> <p>“Este animal é muito grande, quase do tamanho de um cavalo. Possui cabeça semelhante a de um peixe, com uma boca muito grande. O rabo é comprido e lembra a cauda de um jacaré. O corpo lembra muito um camelo com as duas corcovas. Tem quatro patas, sendo que o comprimento das patas da frente é o dobro das patas traseiras. Tem quatro dedos nas patas traseiras e cinco dedos nas patas dianteiras. É um animal bem colorido que vive tanto na água como na terra.”</p>
3ª atividade:	A partir dos desenhos produzidos, os alunos devem realizar trabalho com pintura e/ou colagem;
Exposição dos trabalhos e discussão com a turma sobre os híbridos.	

No primeiro momento da aula, foram apresentadas algumas imagens de artistas contemporâneos e de gravuras realizadas na Europa a partir dos relatos de alguns viajantes que estiveram no Brasil, como Hans Staden²¹ e Frei André Thevet²² (ver ANEXO B). Na seqüência foram apresentadas imagens de obras de Walmor Corrêa que tratam de criaturas híbridas presentes na cultura popular.

A partir dessas imagens, como continuação às aulas anteriores onde foi apresentado o significado da palavra híbrido, questionou-se os alunos sobre o que significavam. Alguns identificaram os animais descritos pelos viajantes e outros reconheceram as obras de Walmor Corrêa como sendo de figuras híbridas.

Em seguida, foi proposto aos alunos o jogo do telefone sem fio, onde a mensagem a ser transmitida era uma descrição simplificada de uma criatura híbrida: “um animal com cabeça de peixe, com patas de pato e rabo de macaco”. A turma, que possui quinze alunos realizou a brincadeira e, como esperado, alterou completamente a descrição original, permanecendo apenas a parte que fazia referência ao “rabo de

²¹ Hans Staden - Viajante e cronista alemão (séc. XVI), famoso pela narrativa de suas viagens pelo Brasil na década de 1540. Antes de sua passagem pelo país, nada se sabe de sua vida, a não ser que nasceu na cidade de Homberg, região central da Alemanha.

²² Frei André Thevet - Foi um frade franciscano francês, explorador, cosmógrafo e escritor que viajou ao Brasil no século XVI

macaco”. A reação dos alunos foi interessada e serviu para que se introduzisse, através do diálogo, a relação entre a brincadeira do telefone sem fio e o que aconteceu na época dos viajantes e seus relatos das terras do Novo Mundo, que interpretados por artistas europeus geravam imagens completamente adversas da realidade.

Logo após, os alunos foram instruídos a realizar a segunda atividade através do relato extraído de textos descritivos realizados por Frei André Thevet. Um destes relatos foi lido à turma, porém sem mencionar a qual animal pertencia a descrição. A descrição foi lida algumas vezes e os alunos resistiam a imaginar a partir do relato, buscando saber de qual animal se tratava. Foi reforçado o caráter interpretativo dos alunos: “desenhem o que vocês imaginam a partir do que foi lido”. O relato seguinte foi criado por este professor-estudante e referia-se a uma criatura imaginária cuja descrição fazia referência a partes de outros animais. Os alunos realizaram desenhos a partir dessas descrições.

Por último, os alunos utilizaram pincéis e tinta para enriquecer a produção plástica que tinha como base o desenho da atividade anterior (ver resultados em APÊNDICE C). Após a finalização dos trabalhos, foi revelado de qual animal se tratava: o bicho preguiça. Através da surpresa da turma foi possível reafirmar a relação com os artistas viajantes, com as obras de Walmor Corrêa e a reflexão sobre as imagens híbridas provenientes destas fontes estudadas.

Estas atividades complementaram as atividades realizadas em aulas anteriores onde foram apresentadas figuras híbridas de diversas fontes, como dos mitos populares como Lobisomen, Vampiro e Sereia, bem como imagens de obras apresentadas anteriormente como dos artistas Thomas Grunfeld e Joan Fontcuberta que, desde as primeiras aulas, despertaram muita curiosidade entre os alunos.

As reações e a participação dos alunos foram positivas durante o conjunto de dez aulas que foram aplicadas ao longo do segundo semestre de 2010 (ver APÊNDICE B). A cada aula foi retomado com os alunos o que entendiam por híbrido e quais exemplos poderiam citar. Alguns desses alunos levaram suas dúvidas e entendimentos para casa, discutindo-os com os familiares. Posteriormente, relataram outros exemplos sobre diferentes seres híbridos que espontaneamente encontraram nas imagens do cotidiano ou nessas conversas extraclasse.

Estes fatos demonstraram a compreensão dos conceitos que foram apresentados de forma didática, através das práticas artísticas em sala de aula.

Com esta abordagem acredita-se que é possível despertar um pouco mais o interesse dos alunos sobre Arte Contemporânea, realizando aproximações de imagens do cotidiano, da Arte e da cultura, como sugerido na revisão bibliográfica deste trabalho.

4 Considerações Finais

Através da revisão bibliográfica sobre questões presentes no ensino da Arte e de alguns conteúdos da Arte Contemporânea, este trabalho procurou esboçar uma possibilidade na elaboração de aulas para o Ensino Fundamental.

Como foi visto, tanto a Proposta Triangular (BARBOSA, 2008) como a inserção da cultura visual no ensino da Arte (HERNANDEZ, 2000) trazem contribuições significativas para a construção do conhecimento em Arte na sala de aula. E servem como base teórica para a construção da proposta de abordagem aqui apresentada.

A abordagem de temas relacionados à Arte Contemporânea, tendo como exemplo deste trabalho o hibridismo e a mestiçagem, tem o objetivo de estimular os alunos à percepção da Arte como forma de expressão do imaginário e interpretação da realidade, contribuindo, deste modo, para uma melhor compreensão de muitos aspectos da Arte e de suas próprias realidades.

Acredita-se que, deste modo, a construção do conhecimento seja mais significativa para os alunos, principalmente pela constante aproximação dos temas da Arte com elementos presentes no cotidiano dos mesmos. Não pela simples exposição de conteúdos teóricos, mas pela assimilação e elaboração didática de temas presentes na Arte.

Dentre as estratégias didáticas possíveis, é interessante a utilização de jogos e indagações estimulantes que partam de conhecimentos já assimilados pelos alunos, mesmo que estes conhecimentos sejam de suas vivências extraclasse, como os elementos do cotidiano, da mídia ou da cultura em geral. As ligações necessárias para os temas presentes na Arte, objetivo maior do ensino da Arte, podem ser construídas juntamente com os alunos.

Neste caso específico, a experiência da elaboração e aplicação de um plano de aula que procurou estimular a construção do conhecimento com os alunos acerca de alguns conhecimentos presentes na Arte Contemporânea foi satisfatório (ver Plano de Aulas completo em APÊNDICE B). A assimilação dos temas propostos através das atividades em sala de aula permitiu vislumbrar que é possível trabalhar questões atuais da Arte com alunos do Ensino Fundamental.

Crê-se que esta disposição para o cruzamento de elementos presentes na Arte seja facilitada pela abordagem da Arte Contemporânea, justamente por sua abrangência e entrecruzamento com a vida e o cotidiano dos cidadãos. Deste modo, defende-se aqui a utilização dos temas presentes na Arte Contemporânea como base para se adentrar no vasto campo dos conhecimentos presentes na Arte, tanto atual como historicamente acumulada. Contribuindo assim para a formação do cidadão consciente de sua cultura e dos códigos pertencentes à produção artística, não só moderna e clássica, mas também contemporânea.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Ana Mae Barbosa. *Arte/ educação Contemporânea – Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae Barbosa. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.
- CATTANI, Icleia Borsa (org.). *Mestiçagens na Arte Contemporânea*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.
- COCCHIARALE, Fernando. *Quem tem medo de Arte Contemporânea?* Recife: Ed. Massangana, 2007.
- FERREIRA, Glória e Cotrim, Cecília (org.). *Pintura modernista, in Clement Greenberg e o debate crítico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 101-110.
- HARVEY, David. *A Condição Pós-moderna*. In: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1989. p. 45 – 67.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul, 2000.
- MARTINS, Miriam Celeste. *Didática do Ensino de Arte*. São Paulo: FTD, 1998.
- MENEZES, Marina Pereira. *A arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de artes*. Concinnitas (UERJ), v. 2, p. 67-77, 2007.
- MILLET, Catherine. *A Arte Contemporânea*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- PARSONS, Michael. *Mudando direções na arte-educação contemporânea*. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text_5.htm. Acessado em: abril de 2010.
- PILLAR, Analice Dutra. *A Educação do Olhar no Ensino das Artes*. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- STADEN, Hans. *Duas Viagens ao Brasil*. Alemanha, 1557.
- THEVET, Frei André. *Les singularitez de la France Antarctique, autrement nommee Amerique, & de plusieurs terres et isles decouvertes de nostre temps*. Paris, 1558.

APÊNDICE A – Trabalho plástico pessoal

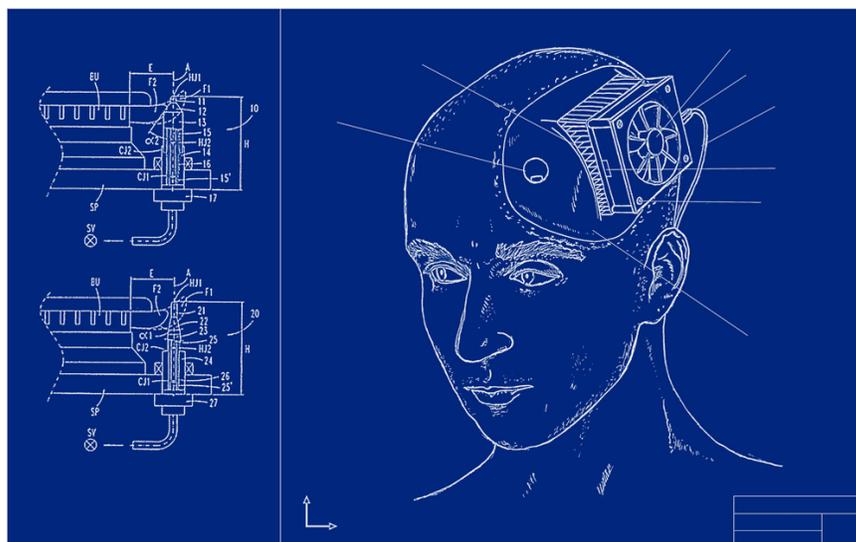


Fig. 9 – Jander Rama, Implante para refrescar a mente, linóleogravura, 60cm x 40cm (Foto: Jander Rama).

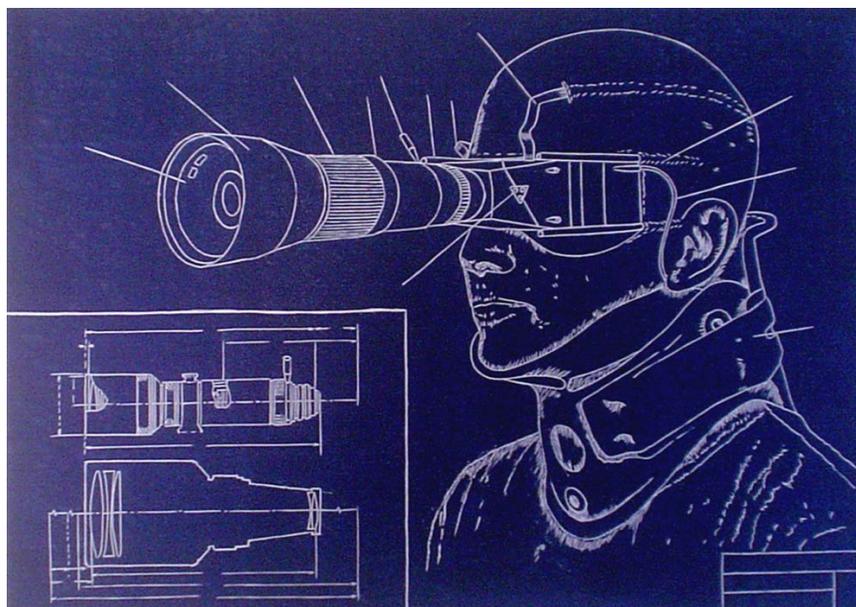


Fig. 10 – Jander Rama, Implante telescópico, linóleogravura, 60cm x 40cm (Foto: Jander Rama).

APÊNDICE B – Plano de Aulas Completo

<p>Plano de Aulas – O Híbrido na Arte</p>
<p>Dados Gerais: Departamento: Expressão e Movimento Área: Artes Visuais Disciplina: Artes Visuais Nome do Professor/Estagiário: Jander Luiz Rama Série: 5ª Turma: Amora 1B</p>
<p>Período: Terceiro Trimestre de 2010 (03/09/2010 a 10/12/2010): (aproximadamente 10 aulas) Aulas nas sextas-feiras, das 10:40 a 12:15.</p>
<p>Súmula: Percepção de imagens como construção da história de um povo e que carregam consigo valores e crenças de uma época e/ou de um grupo social. O foco para o Amora 1B é o trabalho com elementos visuais como cor, linha e forma. Dentro deste planejamento o estudo dos elementos visuais também abordará o multiculturalismo, o mito e o hibridismo como elementos da arte, e em especial da Arte Contemporânea.</p>
<p>Temática: O tema central deste plano de aulas é o conceito de hibridismo, como um assunto da Arte Contemporânea possível de ser trabalhado em sala de aula. Este conjunto de aulas também passa por outros conceitos como o multiculturalismo e a mitologia, mas trabalhados de forma a enriquecer o conceito escolhido: o hibridismo.</p>
<p>Justificativa: O conceito de hibridismo foi selecionado pois é uma ligação interessante entre imagens de diversas origens culturais e históricas, além de estar muito presente na Arte Contemporânea.</p>

Objetivos:**Gerais:**

Estímulo à percepção da arte como forma de expressão do imaginário e interpretação da realidade (indícios);

Reflexão sobre a construção de imagens.

Específicos:

Construção de imagens a partir de: relatos de viajantes; contos de ficção; jogo de imagens e relatos descritivos;

Reflexão sobre o hibridismo como possibilidade imaginária;

Apresentação de imagens das obras de artistas ligados com a questão do hibridismo em suas produções;

Contextualização das imagens apresentadas.

Metodologia:

Aplicação de aulas experimentais:

- através do desenvolvimento de material didático;
- abordando conceitos contemporâneos em arte, trabalhando com o hibridismo como assunto;
- instigando o senso crítico dos alunos frente a imagens de diversas origens;
- através do contato com imagens provenientes da Arte Contemporânea.

Cronograma das Aulas:**1ª aula: 17/09/10**

- Apresentação de imagens híbridas de artistas contemporâneos como Fontcuberta e Thomas Grunfeld.
- Individualmente, os alunos devem produzir uma imagem (desenho) coletiva através do jogo *cadavre exquis*, dividindo a turma em 3 grupos de 5 alunos;
- Exposição dos trabalhos;
- Comparar essas interpretações e discutir com a turma os aspectos comuns entre as produções dos alunos, bem como os elementos que chamaram, mais ou menos, a atenção.

2ª aula: 24/09/10

- Apresentação de outras imagens híbridas: da Arte, do cotidiano, da mídia, o ornitorrinco.
- Trabalho de desenho e pintura a partir de partes de imagens previamente escolhidas em revistas.
- Individualmente, os alunos devem produzir uma imagem que complete a imagem fragmentada, porém com alguma outra forma inusitada e híbrida. Devem primeiramente criar com desenhos à lápis e complementar com tinta guache;

3ª aula: 01/10/10

- Apresentação de imagens de mitos brasileiros: curupira, ipupiara, e outros.
- Leitura de descrições de imagens a partir de relatos de viajantes e artistas viajantes quando de suas passagens pelo Brasil colonial;
- Individualmente, os alunos devem produzir uma imagem que sintetize sua interpretação dos relatos lidos para a turma, utilizando desenho;
- Mostrar os desenhos produzidos por artistas europeus a partir dos relatos dos viajantes do Brasil colonial;

4ª aula: 08/10/10

- Apresentação de imagens de obras de artistas viajantes que passaram pelo Brasil: Rugendas, Debret e etc.
- a partir dos desenhos criados na aula anterior, os alunos devem escolher um dos desenhos para realizar trabalho com pintura;

5ª aula: 15/10/10

- Apresentação de imagens de obras a partir de relatos de viajantes que passaram pelo Brasil: Hans Staden e Frei André Thevet.
- jogo do telefone sem fio sobre um animal híbrido (comparar com a experiência dos viajantes ao Brasil – transmissão de relatos);
- logo após, a partir da leitura do relato sobre uma criatura fantástica, os alunos devem produzir desenhos (a exemplo dos relatos dos viajantes, o professor criará um relato sobre uma criatura fantástica - híbrido);
- a partir dos desenhos produzidos, os alunos devem realizar trabalho com pintura;
- Exposição dos trabalhos;

6ª aula: 22/10/10

- Apresentar imagens de mitos gregos e romanos: minotauro, pégasus, grifo e etc., com foco em imagens híbridas;
- Individualmente, os alunos devem produzir uma imagem a partir de partes de desenhos de animais (partes como cabeça, membros etc. trazidas pelo professor), montando um ser híbrido, com as partes que escolherem;
- Após a montagem e colagem das partes, os alunos devem realizar trabalho de pintura sobre o desenho;

7ª aula: 12/11/10

- Apresentação de imagens de criaturas híbridas como do artista Walmor Corrêa: principalmente de seres da mitologia popular;
- Individualmente, os alunos devem produzir uma imagem a partir de partes de desenhos de objetos, montando um objeto híbrido, com as partes que escolherem;
- Após a montagem e colagem das partes, os alunos devem realizar trabalho de pintura sobre o desenho;

8ª aula: 19/11/10

- Apresentar imagens de objetos híbridos, animais híbridos e outros, presentes na arte ou na cultura visual.
- Individualmente, os alunos devem produzir uma imagem de um ser ou objeto híbrido, utilizando partes de imagens de revistas ou de outras fontes (trabalho de colagem para preencher a figura e fundo);

9ª aula: 26/11/10

- Trabalhar um pouco com a história dos mitos gregos e populares, iniciando pelos populares e midiáticos como o Vampiro e o Lobisomen.
- Apresentação de imagens de mitos gregos e romanos: minotauro, pégasus, grifo e etc., com foco em imagens híbridas;
- Apresentação da “Máquina de Híbridos” e de seu funcionamento: utilizando imagens de animais;
- Individualmente, os alunos devem produzir uma imagem (desenho) que resolva o problema proposto pela máquina: associação de elementos diversos;
- Exposição dos trabalhos;

10ª aula: 03/12/10

- Apresentação da “Caixa Preta” e de seu funcionamento.
- Individualmente, os alunos devem produzir uma imagem (desenho) que resolva o problema proposto pela “Caixa Preta”: descrição formal de objetos contidos na suposta caixa.
- Exposição dos trabalhos.
- Comparar essas interpretações e discutir com a turma os aspectos comuns entre as produções dos alunos, bem como os elementos que chamaram, mais ou menos, a atenção.

11ª aula: 10/12/10

- Apresentação dos trabalhos realizados.
- Fechamento com apresentação de imagens dos mitos gregos, populares e contemporâneos – revisão.

Avaliação:

A avaliação se dará com a exposição de todos os trabalhos elaborados e da observação do aluno em sala de aula conforme os critérios de:

- participação na atividade;
- desenvolvimento plástico;
- cuidado com o material e a limpeza de sala de aula;
- organização;
- relacionamento interpessoal durante as atividades;
- comprometimento.

APÊNDICE C – Alguns trabalhos de alunos



Fig. 11 – Trabalho realizado por aluno, desenho e pintura a partir de relato de Hans Staden sobre o tatú, 2010 (Foto: Jander Rama).



Fig. 12 – Trabalho realizado por aluno, desenho e pintura a partir do relato de uma criatura fantástica, 2010 (Foto: Jander Rama).

ANEXO A – Trabalhos de alguns artistas



Fig. 13 – Salvador Dalí, Telefone Lagosta, 1938, Técnica: Metal pintado, gesso, borracha e papel. Disponível em: <http://www.artnet.com/artist/4758/salvador-dali.html>. Acesso em novembro de 2010.



Fig. 14 – Marcel Duchamp, Roda de bicicleta, 1913, ready-made, madeira e metal, altura 126 cm Nova York, Sidney Janis Gallery. Disponível em: <http://www.artnet.com/artist/11039/marcel-duchamp.html>. Acesso em novembro de 2010.

ANEXO B – Gravuras dos Viajantes



Fig. 15 – Frei André Thevet, Fera que vive de vento (Preguiça), data desconhecida, xilogravura. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/viajantes/artistas.html>. Acesso em novembro de 2010.



Fig. 16 – Anônimo (a partir dos relatos de Hans Staden sobre o tatu), data desconhecida, xilogravura. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/viajantes/artistas.html>. Acesso em novembro de 2010.